



VISITA INESPERADA

- Comandante encontramos um lugar que podemos pousar. É aquele ponto azul mais adiante e seu ar é respirável. – Disse o piloto.

- Que povo habita este mundo? - Perguntou o comandante e cientista chefe.

- Este mundo possui uma forma de vida bípede ainda em evolução, seres da terceira dimensão com certo grau de violência.

- Não temos outro lugar que possamos pousar. Siga em frente. Nossa jornada ainda é longa. Em que lugar vamos pousar? Me parece um mundo cheio de água.

- Sim, mas tem 7,9 bilhões de criaturas humanas em suas terras, disputando alimento, terras e poder. Encontramos cinco lugares tranquilos que podemos pousar sem chamar muito a atenção destes habitantes, o mais próximo é uma pequena cidade com cerca de 240 mil habitantes e o povo neste tempo está envolvido com festas populares e a grande maioria nem está ligando para trabalho.... a cidade está tomada por uma estase de bebidas e outras substâncias em suas danças frenéticas.

- Siga em frente.

Assim o piloto levou a nave para o leste, encontrando um local seguro e pousando, com certa dificuldade, o mais suave que conseguiu. Então o comandante lhe disse. “Não temos muito tempo, precisamos consertá-la o mais rápido e seguir nossa viagem”.

- Pelo que consta aqui – disse o piloto – é um terreno de um local que conserta máquinas que os humanos utilizam para plantar sementes que viram alimento para eles.

Firme em solo, o comandante, vestido com seu traje negro, que moldava seu corpo e, com a insígnia de seu mundo do lado esquerdo do peito, caracterizada por cinco pequenas estrelas unidas por um círculo de cor amarela com um sol ao centro, desceu lentamente as escadas, como que percebendo o ar ao seu redor e se adaptando à força da atmosfera deste lugar. Colocou, com certa relutância, seu pé no solo terrestre, um terreno cheio de pequenas pedras pretas que sentia pela primeira vez. Ao seu lado, flutuando sempre perto de seu corpo um aparelho tinha algumas luzes e à medida que ele se pronunciava as luzes se alternavam em brilho. Então o aparelho lhe disse: “isto são pedras que os terráqueos chamam de brita e utilizam com diversas finalidades dentro de suas construções”.

- Interessante. – Disse apenas o comandante.

Enquanto o homem ficava admirando aquelas pequenas pedras, o aparelho se distanciou e ficou escaneando as máquinas que encontrou por ali e analisando suas estruturas e descobrindo sobre suas finalidades.



No escritório da loja, um homem de certa idade, calvo, e um pouco acima do peso desejado, ouve um barulho do lado de fora e curioso deixa a calculadora de lado ainda com os números que havia sido inserido em seu visor e também os papéis que tanto analisava desde várias horas antes, levanta-se da cadeira, coloca seu inseparável boné azul e abre a porta do seu escritório e...



... não acreditando no que seus olhos lhe mostravam, permaneceu sem saber, por alguns instantes, no que fazer. Depois de passado o impacto da primeira visão e tento certeza de que não era nenhuma “peça” que seus funcionários ou filhos estava pregando nele, buscou seu celular no bolso da camisa e tentou ligar. Começou a apertar o primeiro contato que apareceu em seu aparelho, mas o homem do espaço fez um aceno com a mão direita e o aparelho se desligou. Nisto o viajante caminhou, com passos lentos, na direção do homem daquele lugar, saudando-o com um aceno de mão que em sua galáxia representava cordialidade e que estavam ali em paz. O terráqueo ainda sem saber direito o que fazer tentou imitar o aceno de mão que via. Assim o viajante disse algo em uma língua improvável e que não fazia qualquer sentido para o terráqueo.

Neste momento o aparelho flutuante que estava escaneando as máquinas que encontrou se aproximou do comandante e flutuando ao seu lado disse, provavelmente traduzindo o que o comandante havia mencionado anteriormente.

- Homem da Terra somos de uma terra muito distante daqui. – Iniciou dizendo - Nossa espaçonave está avariada e precisamos de ajuda para continuarmos nossa viagem à outro sistema solar. Precisamos de ferramentas. Partiremos em seguida.

O homem concordou com a cabeça e fez sinal para que eles o acompanhassem.

O comandante fez então um sinal com a mão e a espaçonave foi envolvida por algo que a ocultou de qualquer olho humano indesejado.

Enquanto caminhavam o terráqueo disse que ele, por ali, tinha ferramentas que utilizava para consertar as máquinas que vendia, que reparava. Passaram por duas portas. Enquanto o comandante seguia atrás do homem o aparelho flutuava sempre mais acima identificando tudo ao seu redor e fazendo seus registros. Passaram por um lugar onde havia um monte de peças, caixas... abriram outra porta, mais alguns produtos em caixas e diversos equipamentos desmontados, então o aparelho, neste instante viu, num dos cantos de uma área aberta, que foi identificada como ‘oficina’, diversas ferramentas que prontamente analisou com suas luzes e disse em seguida ao seu superior, naquela língua indecifrável, que elas serviriam para o conserto da espaçonave.

O comandante disse algo e em seguida dois novos seres apareceram ali, materializando-se em sua frente, e como já sabiam quais as ferramentas que deveriam utilizar, as pegaram e – tão rapidamente como surgiram – desapareceram.

O aparelho flutuante disse ao terráqueo que as ferramentas seriam devolvidas em breve e que partiriam em paz.



O comandante fez um sinal ao terráqueo e falou em sua língua que gostaria que lhe explicasse um pouco sobre aquele lugar e sobre os alimentos deste mundo, já que ele havia sido tão generoso com sua gente.

Após o aparelho fazer a tradução necessária o terráqueo iniciou contando sobre sua história, ao que o comandante entendia simultaneamente, através do elo com o aparelho flutuante.

O terráqueo começou então, timidamente a falar de sua história, da história daqueles produtos. Iniciou dizendo da época que trabalhava para outro senhor, sobre como o destino lhe mostrou que deveria montar uma empresa para ele, deixar um legado, dar trabalho para outras famílias, ajudar a plantar o alimento de milhares de pessoas. Contou sobre como aqueles produtos funcionavam, como eram consertados, o que faziam quando estavam em operação. Falou também sobre as dificuldades que havia passado em sua trajetória e um pouco da história daquela cidade.

Em certos momentos o comandante pedia para que o aparelho flutuante explicasse o que era certas palavras que o terráqueo dizia. Então ele lhe passava telepaticamente as informações que precisava para entender a história daquele homem.

As horas passaram rapidamente e então os outros dois seres retornaram e deixaram as ferramentas no local em que estavam e o comandante foi informado que a nave estava reparada e poderiam partir quando desejasse.

- Nós precisamos ir homem da Terra. – Iniciou o comandante falando para o terráqueo - Nossa missão é importante para nosso povo e ainda estamos muito longe de nosso destino final.

Com um aceno de cabeça o terráqueo mencionou que entendia e ficou um pouco triste de que aquela experiência estava chegando ao fim.

- Seu aparelho primitivo voltará a funcionar assim que partirmos. – Disse o aparelho flutuante ao terráqueo. – Seu povo perde considerável tempo influenciados por informações que se apresentam neste pequeno aparelho, que nem sempre são reais.

Tarde da noite, depois da meia-noite, a nave em ordem e realinhado as novas coordenadas galácticas para o restante da viagem o aparelho flutuante convidou o terráqueo para que entrasse na espaçonave e tivesse uma visão da Terra lá de cima, do mundo lá de cima, lá do espaço, lá da exosfera.

Como poderia dizer ‘não’, justo aquele homem que tinha passado por tantas coisas nesta vida. Não hesitou. Caminhou ao lado do comandante subindo as escadas, olhando para seus pés e pisando praticamente como ele fazia, pois não se viam as escadas, já que a nave ainda permanecia com a camuflagem aos terráqueos.

Então numa fração de segundos eles estavam dentro da espaçonave, que parecia muito maior em seu interior do que do lado de dentro. O comandante pediu que ele se sentasse numa poltrona que se moldou ao seu corpo e assim a nave começou a subir e num instante lá do espaço se via todo o planeta iluminado, com seus contornos de imensas cidades ao redor do mundo, além de outras menores e também terras escuras... Olhou para outro lado



e viu as luzes das estrelas e o vácuo infinito do espaço. Ficou atônito, encantado com tanta beleza, com aquela viagem inacreditável.

Pouco depois o comandante disse que chegara a hora de sua partida e precisavam se despedir. Ele lhe agradeceu pela ajuda que lhe disponibilizou, pela história que contou e disse que ele estaria voltando à Terra.

Quando o terráqueo acordou, estava em sua mesa, na mesma mesa que antes, com os números no visor da calculadora piscando. Ficou pensativo e percebeu que era muito tarde e que deveria estar em casa há muito tempo já. Olhou o celular e algumas chamadas e mensagens não atendidas apareciam na tela.

Desligou o computador, a calculadora, guardou os papéis na gaveta, levantou-se vagorosamente, retirou seu boné, colocando-o sobre a mesa e leu com admiração a palavra “Comatral”, impressa na aba frontal em letras brancas.

Fechou sua sala e caminhou em direção ao seu carro que estava estacionado tranquilamente em frente à loja. Procurou as chaves em seus bolsos e notou que também havia uma pequena pedra negra, não completamente esférica, muito leve, do tamanho médio de 10 cm e de cerca de 3 cm de espessura.

Era bela, num negro brilhante como nunca tinha visto antes... e algo lhe confirmava que ela não era desse mundo.

Walter Veroneze

30.04.2024